



# ASSIMETRIA DE GÊNEROS: IMAGENS DA SUB- REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA CULTURA PATRIARCAL

Dina Maria Martins Ferreira<sup>i</sup>

Sara Gemima Colares Garcia<sup>ii</sup>

**RESUMO** - Esse trabalho tem o objetivo de discorrer sobre as assimetrias de gênero no que tange a conjuntura social, política e cultural da figura feminina. Pela configuração histórica, as mulheres ocupam e permanecem, ainda, em posições subalternas na coletividade e, conseqüentemente, sem protagonismo na esfera sociopolítica. Adotando um viés crítico, discutimos sobre fatores que levam as mulheres a serem construídas como sujeitos sociais subalternos e levantamos questionamentos sobre o porquê da sub-representação da mulher, que contribui para a desigualdade entre gêneros. No percurso teórico, baseado em estudos sociais e estudos da linguagem, abordamos conceitos de sujeito, ator social e agentes que dialogam entre si, demonstrando a impossibilidade de pensarmos linguagem fora do social. E no percurso analítico, discutimos assimetrias na representação entre os gêneros feminino e masculino que

atuam no tatame de lutas na esfera de liderança.

**PALAVRAS-CHAVE** - gênero, assimetria, sub-representação, agência, ideologia.

**ABSTRACT** - This paper aims to discuss the gender as asymmetries regarding the social, political and cultural conjuncture of the female figure. By the historical configuration, women still occupy and remain in subaltern positions in the collectivity and consequently without protagonism in the socio-political sphere. Taking a critical bias, we discuss factors that lead women to be built as subaltern social subjects and raise questions about why women are underrepresented, which contributes to gender inequality. In the theoretical course, based on social and language studies, we approach concepts of subject, social actor and agents that dialogue among themselves, demonstrating the



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

impossibility of thinking language outside the social. And in the analytical course, we discuss asymmetries in the representation between feminine and masculine that act in

**KEYWORDS** - gender, asymmetry, subalternity, agency, ideology.

the mat of struggles in the sphere of leadership, with the objective to show how the patriarchal ideology

A política de gênero confirma o caso vivenciado várias vezes pelas relações de classe: que *a igualdade formal pode combinar facilmente com privilégios sistemático*

(PHILLIPS *apud* MOTA. MAIA, 2014, p. 2)

## Introdução

Segundo estudos sobre a atuação política da mulher latino-americana e brasileira (LUNA, 1994), a presença feminina nas lutas sociais e feministas é constante; porém, os registros históricos minimizam sua atuação a lideranças masculinas ou mesmo ignoram sua condição de ator social. Isso se deve à parcialidade de visões e interpretações da ordem do hegemônico, muitas vezes do masculino, acerca da importância de movimentos sociais, inclusive nos movimentos feministas em que há falta de articulação entre a história e as políticas sociais.

Atualmente, na conjuntura do capitalismo globalizado, o capital conta com o suporte dos Estados para manter uma sociedade que funciona como uma engrenagem que mantém e reforça assimetrias entre os sujeitos, até reproduzindo relações de exploração. Diante deste quadro assimétrico, focamos assimetrias existentes no binarismo de gêneros feminino e masculino, argumentando que os movimentos sociais de mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer até que alcancem uma realidade de igualdade política e econômica, na medida em que ainda percebemos que há um sistema que privilegia os homens como sujeito mais vantajoso a práxis no capitalismo.

No Brasil, as mulheres representam um pouco mais da metade da população e metade da força de trabalho, no entanto, ainda que a legislação constitucional garanta igualdade entre



os gêneros, a presença feminina em posições de liderança, em tomada de decisões e em cargos políticos ainda é ínfima, sobretudo quando comparada à atuação masculina.

## Assimetria de gênero

Mota e Maia (2014) discursam sobre os fatores que provocam a sub-representação feminina na política e Martins Ferreira (2009), sobre formações discursivas construídas por e sobre mulheres em esferas pública e doméstica. Postulam ainda que a sociedade capitalista e neoliberal, estruturada sobre o capitalismo liberal, com a falsa promessa de universalização e de que todos os indivíduos são iguais, “apresenta um alto grau de segregação sexual, racial, dentre outros, e [que, ao] tenta[r] tratar os indivíduos como iguais[fecham] os olhos a estas diferenças que são importantes, não por um essencialismo puro, mas porque nossas estruturas se apoiam nelas” (MOTA. MAIA, 2014, p. 2).

Além do fator político-social, outro seria a falta de interesse provocado pelo condicionamento sexista, porquanto “de maneira simples, podemos dizer que as mulheres, justamente por serem mulheres, são condicionadas cotidianamente a se sentirem exteriores, profanas, à vida política.” (MOTA; MAIA, 2014, p.4). Nesse caso, o que se observa é um condicionamento ao *habitus* (BOURDIEU, 1984 enquanto uma “forma [comportamento e valoração social] incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela [sociedade] impõe” (BOURDIEU, 2007a, p. 97 *apud* MOTA. MAIA, 2014, p. 4). A crítica de Mota e Maia (2014) é que “isso deve ser visto não como algo inerente às mulheres enquanto seres humanos, mas como uma tendência de sua condição enquanto indivíduos sociais” (p. 4). E o que seria, então, mais do que esperado, é que a figura feminina resistisse a este tipo de esfera social que a exclui,

Ou seja, a decisão de não participar está inscrita em todo um desenho social sobre como as mulheres enxergam o mundo, e sobre como se enxergam nele. *Nesse sentido, entendendo que a decisão de não participação no mundo da política é um resultado de estruturas sociais que engendram diferentes condicionamentos em diferentes indivíduos, podemos realmente falar em escolhas? Ou mais precisamente, seriam estas escolhas livres?* (MOTA. MAIA, 2014, p. 5-6, **grifo nosso**)



Esse fenômeno de exclusão e sub-representação também é abordado por Martins Ferreira (2009), em seus estudos sobre formações discursivas de donas de casa e executivas, pois a autora constata que as donas de casa restringiam sua atuação à esfera privada, na medida em que suas formações languageiras e comportamentais reforçavam o estereótipo da mulher no exercício da feminilidade – dona de casa, mãe e esposa, que apenas se ocupam da rotina e dos cuidados com a família. Já a executiva, ao atuar nas esferas consideradas naturalmente masculinas – esfera do poder e de tomada de decisões –, apresentavam outro tipo de atuação – exercício da feminilidade –, em que sua linguagem confirma atributos considerados masculinos (força do patriarcado), como objetividade, concisão, firmeza.

Nesta mesma linha de que a família seja reforço do estereótipo feminilidade, Luna (1994, p. 30) mostra a família como fator propulsor de reprodução de assimetrias quando afirma que

La familia es la institución clave que canaliza la ideología patriarcal y donde se produce la desigual división sexual del trabajo y el aprendizaje de la jerarquización entre los géneros. En ella se organiza un área de triple reproducción (biológica, social y de la fuerza de trabajo) que hace responsable a las mujeres de deberes y tareas que hasta muy poco se consideraban, incluso por las mujeres, como “naturales” por razón de sexo<sup>1</sup>.

A assimetria alimentada pela e na instituição família também atua quando se leva em conta à disponibilidade de tempo que uma mãe<sup>2</sup>, por exemplo, tem para exercer sua prática profissional, o que, muitas vezes, enfraquece sua emancipação como ator social. Até por que,

Assim como outros grupos subalternos as mulheres detêm uma fatia bem menor que os homens nessa distribuição. É importante dizer que o termo

---

<sup>1</sup> Tradução livre nossa: "A família é a instituição-chave que canaliza a ideologia patriarcal e onde ocorre a divisão sexual desigual do trabalho e ocorre a aprendizagem hierárquica entre gêneros. Nela se organiza uma área de reprodução tripla (biológica, social e da força de trabalho) que torna as mulheres responsáveis por deveres e tarefas que, até recentemente, eram consideradas, mesmo por mulheres, como “naturais” por causa de sexo"

<sup>2</sup> Nesta crítica não estamos vinculando a educação de filhos ao desprestígio e nem que não seja uma práxis social, até porque já temos pesquisas em que o pai assume tal tarefa, cabendo a mulher o provimento da casa. É no estereótipo e em circunstância da hegemonia patriarcal que recai nossa crítica.



*recursos* não se atém apenas à sua característica econômica ou material, devem entrar aqui duas outras facetas: tempo disponível e contatos (rede de contatos) (MOTA. MAIA, 2014, p. 8)

Dentro do campo social patriarcal, a divisão de gênero no trabalho ainda é um modelo desigual, porquanto a figura feminina acumularia, normalmente, várias funções – trabalho doméstico, cuidado com os filhos (historicamente feito quase que exclusivamente pelas mulheres), companheira/esposa. Trata-se de um fenômeno que ainda se reproduz não só em realidades brasileiras, mas se concretiza em sociedades liberais de uma forma generalizada: “... pensando as sociedades liberais como um todo, podemos ver que independente dessas diferenças é a mulher a principal responsável pelas preocupações do lar; ao homem, quando participa deste trabalho, é reservado o papel de ajudante” (MOTA. MAIA, 2014, p. 11).

Cabe ressaltar que no ano de 2010 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou o último censo demográfico da população brasileira, cujos dados indicavam que as mulheres representavam 51% da população total<sup>3</sup>, um pouco mais da metade da população brasileira. Os dados indicaram ainda que a participação feminina no mercado de trabalho também se equipara em números, porém, o valor do salário feminino era inferior ao masculino em quase todas as categorias. Por conta disso, o rendimento médio das mulheres registrou uma diferença de aproximadamente 28% quando comparado ao do masculino<sup>4</sup>. A análise dos dados também encontrou resultados significantes com relação à ocupação feminina e masculina:

Cabe ressaltar que, independentemente da sua participação no total da população ocupada, existem seções de forte predominância masculina ou feminina. A seção de atividade que mais se destacou pela predominância feminina foi a dos Serviços domésticos, em que as mulheres constituíram

---

<sup>3</sup> Dados do Censo IBGE de 2010, disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=10503&t=destaques>>. Acesso em: 25 set. 2017.

<sup>4</sup> Dados do Censo IBGE de 2010, disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9752&t=destaques>>. Acesso em: 25 set. 2017.



92,7%, vindo, em seguida, as seções da Educação (75,8%) e da Saúde humana e serviços sociais (74,2%) (IBGE, 2012, p. 71).

(...) as participações nas categorias dos trabalhadores por conta própria e *empregadores* no contingente masculino foram mais elevadas que no feminino, enquanto na dos *não remunerados ocorreu o inverso* (IBGE, 2012, p. 71, **grifo nosso**)

Enfim, os setores predominantes femininos, além de serem os que possuem menor *status* e prestígio, também são aqueles ligados à esfera doméstica e de cuidados. E os homens sobrepõem as mulheres também no contingente de empregadores, ou seja, as mulheres brasileiras ainda se encontram em maior grau de vulnerabilidade econômica e trabalhista quando comparadas aos homens.

Longe de encerrar o debate sobre a questão de desigualdade entre gêneros, os fatores sociais levantados nos permitem reforçar que “(...) este quadro de sub-representação não irá mudar enquanto questões mais profundas, relacionadas às nossas estruturas social, econômica e política, que mantém as mulheres em uma posição marginalizada, não mudarem” (MOTA, MAIA, 2014, p. 8).

## **Sujeito: ator social, agente e protagonista**

As concepções de sujeito – ator social, agente e protagonista – colocam em diálogo áreas do saber que privilegiam os estudos sociais e estudos da linguagem, de tal forma que se amalgamam na busca da constituição da identidade feminina (SOBRAL, 2016; TOURAINÉ, 1992; BOURDIEU, 1994, 1984; GOHN, 2008; AUSTIN, 1990), que no fluxo de sua *práxis* performatiza em prol de sua emancipação.

Na visão do Círculo Bakhtiniano interpretada por Sobral (2016), a identidade do sujeito é construída a partir de sua relação com a cultura e o local onde está inserido, levando em conta tanto o momento histórico em que vive enquanto sua relação consigo (eu-para-si) e com o outro (eu-para-o-outro). Nesta perspectiva, o Círculo Bakhtiniano perfila o sujeito, no caso o feminino, a partir de sua situação social e histórica. Esta abordagem pode nos levar não só ao essencialismo da identidade, como também a justificativas que sedimentam o estereótipo



feminino fixado dentro das prerrogativas do patriarcado. Por exemplo, se estamos no século XVIII, justifica-se a sub-representação do gênero feminino, porquanto, mesmo no eurocentrismo deste período, a mulher era dependente da figura masculina – a ação estava nas mãos do masculino. Se retrocedermos mais ainda no tempo e estacionarmos no tempo da civilização helênica (século V a. C.), a figura feminina apenas servia à reprodução, a cidadania não lhe era concedida.

Sob a perspectiva bourdieusiana (BOURDIEU, 1994), o sujeito social é “cativo do sistema”. E como cativo do sistema, nos reportamos ao gênero feminino cativo do patriarcado. Além disso, este sujeito cativo só teria chance de atuar como ator social se estivesse fora da linguagem ordinária, pois ao performatizar em seu cotidiano seria um sujeito sem força de mudança, e, por consequência, sem agência e protagonismo.

Não estaria aí a figura da dona de casa? Cativa do sistema patriarcal? Limitada pela linguagem ordinária, já que não tem atuação profissional? Não é à toa que Bourdieu (1984) aponta a sociedade, como uma “estrutura estruturante” – “estrutura” estaria à serviço de uma sub-representação do feminino e representação do masculino, ou seja, o sujeito 'subordinado ao social' e agente social, respectivamente; e no “estruturante”, um sujeito capaz, mesmo com as assimetrias de gênero, operar alguma mudança.

Gohn (2008) apresenta ainda uma outra perspectiva:

Outro autor, o mexicano Rafael Alvarez (2000), na contramão da grande maioria dos pesquisadores, que deixam de lado a dimensão do político em seus estudos, irá analisá-la com base na constituição da identidade do sujeito. Para ele, a constituição do sujeito social se dá a partir do lugar que ele ocupa no social, no político, no cultural e no espaço simbólico de outros sujeitos. Ele destaca a importância dos projetos sociais na constituição do sujeito, não como algo pronto, mas sim processual e tensionado pelas diferenças entre os atores de uma ação coletiva organizada como movimento social. Projeto social é entendido aqui como o projeto político-ideológico de um grupo, explicitado ou não. (p. 444)

De um lado sua proposta ainda restringe a agência do gênero feminino, pois determina que o sujeito social está para o lugar que ocupa, e se a figura feminina ocupa o lugar de



dependência ao patriarcado, sua possibilidade de agência se anula; mas se admite a constituição do sujeito como uma elaboração processual e de tensão, o sujeito feminino passa a ter chance de agência apesar das lutas por direito ainda continuarem.

Já na concepção de Alan Touraine (1992), encontramos a presença do ator social, do agente e do protagonista. Para Touraine (1992), o sujeito é considerado um sujeito existencial, “um sujeito do mundo, que se sente responsável por si mesmo e pela sociedade” (TOURAINÉ, 1992, p. 262 *apud* MARTINS FERREIRA, 2017, p. 623). Em contraponto a Touraine (1992), para Claude Dubar (2004 *apud* MARTINS FERREIRA, 2017, p. 264), o “sujeito” seria apenas uma das modalidades, “ (...) senão formas identitárias, que compõem a identidade social dos indivíduos”, o que permitiria a ação do patriarcado, ou seja, o sujeito feminino teria como forma identitária uma modalidade de um outro sujeito, que no caso poderia ser a sub-representação em relação à representação agente do sujeito masculino.

De forma semelhante a Touraine (1992), Bernard Charlot (2000 *apud* DAYRELL, 2003) também aborda o sujeito como ativo, aquele que age no e sobre o mundo; essa ação produz e, ao mesmo tempo, é produzida no conjunto das relações sociais no qual se insere. Na mesma linha, Charlot (2000 *apud* DAYRELL, 2003) relaciona a noção de sujeito às características que definem a própria condição antropológica que constitui o ser humano, ou seja, o ser é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção (DAYRELL, 2003). E diante da perspectiva de que temos o direito à ação, Bourdieu (1994, p. 67 *apud* MARTINS FERREIRA, 2017, p. 625), afrouxa a ‘prisão social’ do *habitus*, dizendo que os sujeitos sociais podem se tornar agentes, ou seja, indivíduos considerados na prática e imersos na ação, [apenas quando agem] por necessidade”

Nos estudos da linguagem, apontamos dois teóricos: Fairclough (2001) e Austin (1990). De um lado, Fairclough (2001) nos apresenta o discurso como prática social e como tal podendo gerar mudanças sociais; no entanto, este sujeito habita só o discurso. Do outro, Austin (1990) indica que a força da performatividade da linguagem permite pelos atos de fala provocar mudanças sociais, pois o indivíduo, um sujeito individual, tem a possibilidade de provocar uma força ilocucionária que desemboca nos efeitos perlocucionais. E, ainda por cima, este sujeito



tem a liberdade de ação, pois dizer é fazer. Nesta perspectiva, a figura feminina é agente, senão até uma protagonista de seus propósitos, ao articular estratégias para chegar a seu objetivo.

## **Sujeito social**

Amalgamando as linhas sociais às da linguagem, diríamos que a nossa proposta de um sujeito social abarcaria as seguintes agências:

- a) vivência particular e vivência comunitária, quando, em grupo, o sujeito articula suas particularidades e identidades em comum para combater a marginalização de determinado grupo social;
- b) percepção do sujeito de que habita em relações de dominação e poder, ou seja, sua vivência comunitária e/ou os grupos a que pertence mudam de acordo com o sexo, raça, nível econômico, entre outros fatores; além disso, o sujeito atua estrategicamente no sistema de poder, ora numa relação de dominação, ora numa relação de influência, cooperação e aliança;
- c) existência de um sujeito social, agente e protagonista, na medida em que é criativo, cujas estratégias podem acarretar mudanças sociais.

No jogo de constituição da identidade do sujeito social, Gohn (2008), de um lado, explica que

O movimento social, como um sujeito social coletivo, não pode ser pensado fora de seu contexto histórico e conjuntural. As identidades são móveis, variam segundo a conjuntura. Há um processo de socialização da identidade que vai sendo construída. Compartilhamos a ideia de Hobsbawm quando afirma que as identidades são múltiplas, combinadas e intercambiáveis (GOHN, 2008, p. 444).

E de outro, Dayrell (2003) alerta que “existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é ‘proibido de ser’, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana” (p. 43). E, no meio do caminho, Carlos Gadea e Ilse Scherer-Warren (2005)



postula que o “sujeito deve combinar instrumentalidade e identidade” (p. 44), por exemplo, o movimento feminista, quando associa vida profissional (racionalidade) à vida afetiva (subjetivação) para ampliar a sua participação na esfera pública.

## **Sujeito-mulher na história**

Em vários estudos feitos sobre a história da mulher latino-americana, Luna (1994) explica que as configurações históricas dos Estados ao longo do século XX (oligárquicos, populista, militarista e democráticos), nos quais as mulheres não se configuravam como sujeitos de direitos, foram determinantes para a existência de uma gritante desigualdade na divisão de poder entre os gêneros, em decorrência da qual as mulheres eram excluídas da esfera política e, conseqüentemente, privada dos espaços de poder de decisão. Mesmo após conquistar o direito de atuar politicamente em igualdade com os homens, nenhuma outra estrutura social que sustentava ideologicamente a divisão sexual do trabalho mudou, pois

mesmo com as mudanças socioeconômicas, e também políticas uma maior permeabilidade da esfera pública – maior permeabilidade ao sexo feminino – , este quadro ainda não foi alterado em sua base, pois mulheres ainda são vistas como intrusas em alguns espaços públicos, dentre eles a política (MOTA. MAIA, 2014, p. 90).

Várias perspectivas devem ser levadas em conta no estudo do gênero, devido à complexidade em sua *práxis* sociopolítica:

*(...) gênero deve ser entendido como uma categoria bidimensional, que “contém tanto uma face política e econômica, quanto uma face discursivo-cultural” (Fraser, 2002, p. 65), o que quer dizer que discussões teóricas e políticas públicas que tenham como objetivo diminuir a sub-representação feminina, e/ou de forma mais profunda agir contra a subordinação das mulheres, não devem se ater apenas a uma faceta da categoria gênero; devem ser iniciativas conjuntas que levem em conta tanto seu caráter cultural, quanto seu caráter econômico (MOTA. MAIA, 2014, p. 9-10, grifo nosso)*



Acreditamos que a manutenção dessa realidade acontece com o suporte da mídia hegemônica, cujas ideologias sexistas estão ainda entranhadas em suas práticas discursivas, as quais, por sua vez, não só legitimam como também reforçam a naturalização de assimetria entre os gêneros.

## **Ideologia**

O sentido de ideologia é, particularmente, importante na análise do discurso como prática social, pois é a partir da análise do encadeamento de seus elementos constitutivos que nos é possível chegar a uma posição acerca dos conjuntos de valores que orientam as ideias que se materializam com e no texto.

Fairclough (2001) define ideologia da seguinte forma:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (p. 117)

Fairclough (2001) explica que práticas discursivas de instituições sociais com grande poder de penetração e persuasão social, tais como a escola, a igreja ou a mídia, moldam as ideologias e, ao mesmo tempo, é onde elas se materializam conforme os interesses destas instituições, em determinado contexto histórico. Porém, é Thompson (2011) quem nos dá um suporte mais profícuo a nosso estudo na conceituação de ideologia e das formas por meio das quais se manifesta.

Thompson (2011) desenvolve seu estudo baseado nas relações estabelecidas entre ideologias e culturas nas quais estão inseridas, e particularmente entre estes aspectos e a mídia. Segundo este estudioso, a noção de ideologia faz referência às formas de construir significados que contribuem para justificar e reforçar determinadas relações assimétricas de poder e/ou de dominação. Essas formas se manifestam não só em discursos das mais diversas origens, como também de forma simbólica. Thompson (2011) entende a ideologia como um instrumento de



dominação por meio do convencimento, o qual se perpetua através da reprodução de um conjunto de ideias que não se mostra na aparência, mas que está presente em sua essência, além de contribuir para a manutenção de assimetrias de poder, através do disfarce da realidade.

Thompson (2011) tem a concepção de Marx como ponto de partida para elaborar seu próprio conceito de ideologia excluindo a noção de ilusão ou de inconsciência. Ele concentra sua atenção nas relações sociais de dominação instrumentalizadas por meio dos meios de comunicação de massa, de forma a sustentar relações de dominação. O autor elaborou um quadro onde elenca alguns dos modos mais recorrentes de operação da ideologia e associa estratégias :

MODOS GERAIS	ALGUMAS ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandartização Simbolização da Unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternização Nominação / Passivização

Quadro1 – Modos de operação de ideologias, Fonte: Thompson (2011).

O modo de Legitimação, como a própria definição sugere, diz respeito à tentativa de legitimar relações de opressão; por isso, lança mão de recursos linguísticos que estabelecem que o resultado destas relações é defensável por ser justo, benéfico, universal e/ou histórico. O modo de Dissimulação funciona como um mecanismo para apresentar a realidade de forma distorcida. Para isso, utiliza-se de recursos de ocultação ou deslocamento de agentes, com o intuito de transferir para outrem a responsabilidade em determinados eventos, ou ainda suavizar



os efeitos de uma relação de opressão, atribuindo-lhe uma valoração positiva. O modo de Unificação é utilizado de forma a imprimir a noção de que o contexto dos indivíduos é semelhante ou igual, de forma que as diferentes relações sociais que existem são resultados de ações individuais; seus recursos (padronização e simbolização) trabalham no sentido de criar uma noção de suposta unidade de identidade coletiva. Ao contrário, o modo de Fragmentação enfatiza as diferenças entre os indivíduos, de forma a estimular segregação e conflito entre eles. Finalmente, o modo de operação de Reificação tem o intuito de orientar as narrativas de fenômenos de natureza sócio histórica, cujas relações assimétricas que decorrem deles são apresentadas como permanentes e naturais, dissociadas de seu contexto histórico, social, político e cultural. Para alcançar esse objetivo, tais operações operam por meio de recursos que eliminam aspectos temporais, históricos ou agentivos, conforme o efeito de sentido que se deseja criar.

No entanto, Thompson (2011, p. 82) salienta que o quadro proposto não abarca todas as estratégias de operação ideológica na construção de sentidos, seu valor se dá pelo fato de “indicar algumas das maneiras como eles podem estar ligados, em circunstâncias particulares, com estratégias de construção simbólica”. Além disso, postula que a maneira como as estratégias se relacionam não são fixas, pois o que apresenta são as relações que se dão mais frequentemente e que essas estratégias podem se manifestar de variadas formas, não apenas verbalmente.

### **Análise verbo-visual: sub-representação da mulher – ideologia e mídia**

Seguindo esta linha de que a ideologia é manipulada pela mídia, escolhemos três capas de revista **IstoÉ**. Justificamos a escolha por ser um veículo midiático de constante difusão (revista de tiragem semanal) e por ser uma das principais revistas brasileiras, que não deixa de ser apelativa em suas plataformas digitais: “*IstoÉ* – ‘A mais combativa revista semanal do Brasil’”<sup>5</sup>; e “Assine revista ISTOÉ: Jornalismo crítico, plural e democrático”<sup>6</sup>. Com estes dizeres, sem aqui questionar a veracidade de sua autoplateforma, não deixa de ser considerada como uma revista que vincula uma ideologia crítica. As capas escolhidas:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/revistaISTOE/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/revistaISTOE/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.assine3.com.br/revista/istoe>>. Acesso em: 13 set. 2017.



Edição	Data	Sujeito elencado	Chamada da capa
Edição n° 2355	27 ago. 2014	Marina Silva	“As contradições de Marina”
Edição n° 2417	6 abr. 2016	Dilma Rousseff	“As explosões nervosas da presidente”
Edição n° 2501	17 nov. 2017	Jair Bolsonaro	“Perigo: ele pode ser presidente”

Deste *corpus*, escolhemos dois sujeitos femininos e um sujeito masculino, a fim de estabelecer um comparativo entre as estratégias linguísticas e icônicas utilizadas. A escolha destas figuras e não de outras se deve ao fato de fornecer grau de informações pertinentes à análise pretendida.

Na análise nos detemos nos aspectos linguísticos – escolhas lexicais, sintáticas e dispositivos retóricos – e nos recursos visuais, partindo do ponto de vista de Brait (2013) sobre a relação entre o linguístico e o icônico:

(...) tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (p. 44).

Daí podermos afirmar que os enunciados verbais não funcionam como mera legenda das imagens, as quais, igualmente, não assumem o papel de ilustrações, mas que há entrelaçamento entre as duas dimensões, estabelecendo uma relação constitutiva de sentidos e efeitos de sentidos, até porque, nos materiais midiáticos escolhidos, temos “(...) algumas das estratégias e maneiras como o sentido pode ser construído e difundido no mundo social, e para algumas das maneiras como o sentido, assim difundido, pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação (THOMPSON, 2011, p. 89).

**Marina Silva**



A edição a seguir foi lançada em decorrência do lançamento da candidatura de Marina Silva à presidência (pleito 2015) em virtude da morte do governador Eduardo Campos, em um acidente de avião, no começo de agosto de 2014, de quem era vice na chapa.



## ELEIÇÕES 2014

Ela sempre teve ideias radicais, **posições intolerantes** e falta de clareza nas propostas. Com a sua volta à corrida presidencial, já provoca **rachas entre os aliados** e desperta mais dúvidas e receios que certezas

## AS CONTRADIÇÕES DE MARINA

**Figura 1**

Edição 2335, de 27/08/2014, Fonte: IstoÉ, 2014

Utilizando as categorias-estratégias apresentadas no Quadro I (Thompson, 2011), temos:

Modo Legitimação > Estratégia Racionalização, que trata de argumentos encadeados pelo produtor dos enunciados para defender e justificar determinadas relações e persuadir o público de quem busca angariar apoio às suas ideias.

- (a) Do ponto de vista visual, a capa apresenta a foto de Marina Silva de perfil, com uma expressão concentrada, sugerindo um ar de dúvida devido às sobrancelhas arqueadas.
- (b) Do ponto de vista verbal,
  - (b.1) informações contextuais são enfatizadas pelo modalizador “sempre”, as ações que caracterizam a identidade de Marina são: ter “ideias radicais”



e “posturas intolerantes”, além de não passar solidez em seu trabalho devido à “falta de clareza nas propostas”; e

- (b.2) inseguros com a ausência do elemento de equilíbrio que seria o candidato titular Eduardo Campos, a opinião dos antigos aliados se dividem, provocando “um racha”, em quem são suscitadas “mais dúvidas e receios do que certezas” acerca de sua atuação na possível Presidência.

Modo Dissimulação > Estratégia Tropo, que faz referências à linguagem simbólica cujo apelo a uso figurativo da linguagem a evoca novos sentidos e manipula os sentidos já existentes, moldando-lhes de acordo com os objetivos almejados.

- (a) Do ponto de vista do visual, a fotografia de Marina, de perfil, disposta em um fundo escuro e iluminação escassa, permitindo que se veja apenas uma parte do rosto de Marina, que passa uma ideia de que ela faz um jogo dúbio, não se mostrando de forma transparente.
- (b) Do ponto de vista verbal em relação com o visual, nota-se que praticamente todos os elementos são utilizados para remeter à ideia de divisão e ruptura, pois a foto se relaciona claramente não só com as expressões “falta de clareza”, destacada em amarelo, “ideias radicais”, “posições intolerantes” e “racha entre os aliados” como também com os verbetes “dúvidas”, “receios” e “contradições”, destacado em caixa-alta na chamada de capa. Daí ser possível inferir que as dúvidas se relacionam tanto à opacidade acerca de suas reais intenções ao se candidatar à presidência quanto ao fato de que se ela “dá conta do recado” agora que perdeu o companheiro de chapa, homem branco.

## **Dilma Rousseff**

O lançamento desta edição ocorreu alguns dias antes da votação que decidiu pelo afastamento da presidente durante o processo de seu impedimento.



## AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE

**Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País**

Figura 2

Edição 2417, de 06/04/2016, Fonte: *IstoÉ*, 2016<sup>7</sup>

Modo Legitimação > Estratégia Racionalização.

- (a) Do ponto de vista visual, temos uma fisionomia de descontrole, com a boca bem aberta, como se estivesse dando um grito de indignação ou de histeria: sobrelhas arqueadas refletindo zanga e brabeza, boca bem aberta, necessário para o eco do grito, e olhos fixos em algum ponto que causa desespero.
- (b) Do ponto de vista verbal, informações contextuais configuram, por conta da pressão que está recebendo da possível votação de *impeachment*, ter “surtos de descontrole” e estar “completamente fora de si”;
  - (b.1) Por isso, “quebra móveis”; “grita com subordinados”;  
“xinga autoridades”; e “ataca poderes constituídos”;

<sup>7</sup> Esta imagem já foi retirada de outro contexto, ou seja, um grito de Dilma diante de uma partida de futebol do Brasil, estava torcendo e nervosa para o time brasileiro. No entanto, no momento de sua tiragem o contexto político favorecia uma montagem que privilegiasse o sentido de uma explosão nervosa de cunho político e não esportivo.

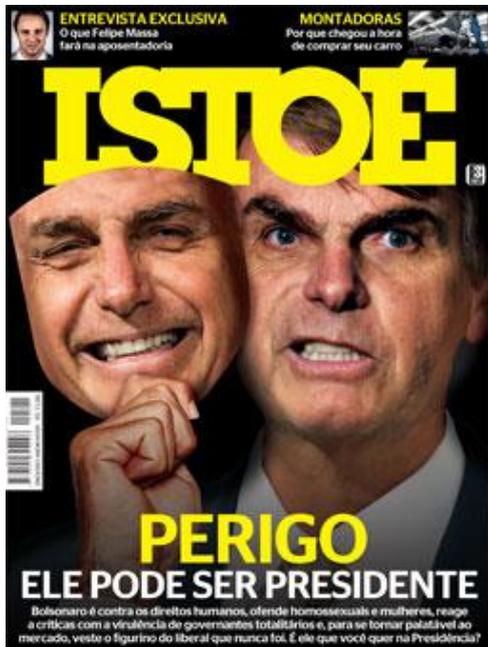


- (b.2) Logo, ela perde, além do cargo, “as condições emocionais para conduzir o país”.

Modo Fragmentação > Estratégia Expurgo do Outro. Esta estratégia consiste na construção de um inimigo comum, visto como mau, ameaçador ou perigoso, em torno do qual a sociedade deve se unir para expurgá-lo. Dessa forma, nota-se que a maior parte das escolhas lexicais remetem à noção de loucura, instabilidade emocional, violência e destruição: “explosões nervosas”, “surto de descontrole”, “fora de si” – enfatizado pelo modalizador discursivo “completamente” – “quebra”, “grita”, “xinga”, “ataca”. Salienta-se que, na ideologia sexista do senso comum, instabilidade emocional é inerente ao sexo feminino, considerada como uma reação natural, enquanto que os homens são mais afeitos à racionalidade. Esse significado está reforçado pela imagem utilizada: o rosto de Dilma em um quadro em que apresenta uma expressão ensandecida de um rompante emocional.

## **Jair Bolsonaro**

Desde que tornou públicas suas pretensões de se candidatar à Presidência, Bolsonaro foi tratado com descrédito. Contudo, no contexto de agravamento da crise política e avanço da ideologia conservadora, ele começou a se destacar no cenário político, chegando a despontar como segundo preferido dos eleitores nas pesquisas de intenção de voto, quando ainda Lula não estava preso (no último levantamento do IBGE de maio de 2018 está em primeiro lugar, quando Lula já estava preso).



## PERIGO

### ELE PODE SER PRESIDENTE

Bolsonaro é contra os direitos humanos, ofende homossexuais e mulheres, reage/a críticas com a virulência de governadores totalitários e, para se tornar palatável ao/ mercado, veste o figurino do liberal que nunca foi. É ele que você quer na Presidência?

Figura 4 - Edição 2501, de 17/11/2017, Fonte: Isto É, 2017

#### Dissimulação > Estratégia Tropo

- (a) Do ponto de vista visual, na capa, em um fundo preto, há uma montagem do deputado Jair Bolsonaro, como se ele estivesse tirando uma máscara sorridente, com expressão serena, enquanto o rosto propriamente dito demonstra sua expressão “real”, isto é, hostil e desdenhosa, com as sobrancelhas arqueadas e lábios comprimidos junto aos dentes. A imagem faz referência metafórica às máscaras utilizadas no teatro
- (b) Do ponto de vista verbal em relação com o visual, a expressão “veste o figurino”, remete ao vestuário próprio de apresentações artísticas, isto é, irreal, apenas um simulacro. Dessa forma, insinua-se um movimento meramente teatral, de simulação (não é que é), qual seja, o de posar como “o liberal que nunca foi” com o intuito de agradar ao mercado. O cerne do incômodo causado por Bolsonaro está em sua inclinação ao totalitarismo e em contraposição à ideia enganosa de que é liberal se se elege presidente.



Modo Fragmentação > Estratégia Expurgo do outro

- (a) Do ponto de vista verbal, e importante salientar a escolha lexical do termo “virulência”, que é definido da seguinte forma pelo dicionário Caldas

Aulete:

(vi.ru.lén.ci:a)

sf.

1. Pat. Capacidade de um microrganismo se multiplicar dentro do organismo, provocando doenças: a virulência de uma bactéria.
2. P.ext.O poder que tem um agente infeccioso de provocar lesão.
3. Fig. Qualidade do que ou de quem está cheio de agressividade violenta: A virulência do seu discurso chocou as testemunhas.

Ao utilizar este termo, relaciona-se o deputado a um agente que possui capacidade de multiplicar-se semelhantemente a micro-organismos infecciosos, sugerindo um ímpeto de destruição por adoecimento ou por meio da violência; sentido aliado ao sentido de “perigo”, escrito em caixa alta e destacado em amarelo – consolida-se a construção de sentido que explicita o seu caráter mau, perigoso ou ameaçador.

Modo Dissimulação > Estratégia Eufemização

- (a) Do ponto de vista verbal, como a própria categoria eufemização sugere, determinadas ações ou relações são descritas de forma a assumir uma valoração positiva suavizando a negativa.
- (b) “Ofende homossexuais e mulheres”. Já existe definição clara e explícita de que a expressão “ofende homossexuais” é preconceito relevando o caráter homofóbico de quem o profere. Da mesma forma, quem “ofende mulheres” é machista. No entanto, ao utilizar a expressão “ofender homossexuais e mulheres”, além de deixar em aberto o motivo das ofensas (i. e., não necessariamente decorrente de um preconceito em relação à orientação sexual ou gênero, mas de um embate político, por exemplo), revela uma certa cumplicidade e alinhamento com o pensamento do deputado. Pois, como explicita Thompson (2011, p. 84), “Existe um espaço vago, aberto e



indeterminado em muitas das palavras que nós usamos, de tal modo que a eufemização pode se dar através de uma mudança de sentido pequena ou mesmo imperceptível.”

## **Figuras femininas versus figura masculina**

Apesar das posições defendidas por Marina Silva serem divergentes de Dilma Rousseff, as duas abordagens expressam traços de machismo, quando duvidam de suas capacidades de atuar na política, seja por enunciados que sugerem incapacidade, incoerência ou obscurantismo, como foi possível detectar no caso de Marina, seja por aqueles que sugerem tendência a descontrole emocional, como pudemos detectar no caso de Dilma. Nas capas em que a mulher é protagonista do evento divulgado pela mídia, as observações complementares à chamada principal estão em fonte grande, de alta legibilidade, com marcadores destacados em amarelo. Apesar das diferenças de posicionamento político-partidário entre as duas, ambas foram postas à prova quanto à sua capacidade com base em argumentos subjetivos e preconceituosos.

No entanto, apesar de ser reconhecido e assumidamente truculento, machista<sup>8</sup>, homofóbico<sup>9</sup>, racista<sup>10</sup>, abertamente favorável à ditadura militar<sup>11</sup> e à tortura<sup>12</sup>, no tratamento a Jair Bolsonaro, suas capacidades emocionais não foram questionadas, mesmo com o sentido de estar fazendo um jogo duplo entre autoritarismo e liberalismo. Seu radicalismo não “provocou

---

<sup>8</sup> Bolsonaro diz que teve filha mulher por "fraquejada". Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2017/04/bolsonaro-diz-que-teve-filha-mulher-por-fraquejada.html>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

<sup>9</sup> Bolsonaro é condenado a pagar R\$ 150 mil por declarações homofóbicas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/bolsonaro-e-condenado-pagar-r-150-mil-por-declaracoes-homofobicas.html>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

<sup>10</sup> Bolsonaro é condenado por comentário racista contra quilombolas. Leia a íntegra. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-e-condenado-por-comentario-racista-contr-quilombolas-leia-a-integra>>.

<sup>11</sup> Defensor da ditadura, Jair Bolsonaro reforça frase polêmica: "o erro foi torturar e não matar". Disponível em: <<http://jovempanfm.uol.com.br/panico/defensor-da-ditadura-jair-bolsonaro-reforca-frase-polemica-o-erro-foi-torturar-e-nao-matar.html>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

<sup>12</sup> Bolsonaro diz no Conselho de Ética que coronel Ustra é 'herói brasileiro'. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/bolsonaro-diz-no-conselho-de-etica-que-coronel-ustra-e-heroi-brasileiro.html>>. Acesso em: 1 mar. 2018.



racha entre os aliados”; as suas reações não são classificadas como “explosões nervosas”, apesar de responder violenta e desrespeitosamente a quem faz críticas ou utilizar alguma pergunta incômoda<sup>13</sup>: ele apenas “reage virulentamente”. Suas (des)qualidades não foram destacadas em amarelo no texto da capa, escrito em fonte discreta. Ademais, apesar de quase trinta anos de serviço público como deputado federal, com apenas dois projetos de sua autoria aprovados<sup>14</sup>, seu aberto desconhecimento sobre economia brasileira<sup>15</sup> e pelo exposto anteriormente, sua capacidade de conduzir também não foram questionados. O seu destempero emocional e incompetência não foram motivo para perder condições de exercer seu cargo público de deputado federal ou ainda de possivelmente concorrer à Presidência.

Apesar da revista *IstoÉ*, na condição de mídia hegemônica, utilizar estratégias similares para atacar seus opositores, foi possível constatar que a linha editorial da revista *IstoÉ* possui cunho sexista, ou por estar inserida em uma cultura ainda patriarcal ou por ter dirigentes figuras masculinas que expõem suas ideologias ainda patriarcais. A oposição e dissimetria de gênero entre masculino e feminino se faz presente.

## Considerações finais

O sistema que produz e reforça as assimetrias entre gêneros é sustentado pelo Estado, senão pela mídia, o qual, sob o manto de uma suposta “neutralidade”, naturaliza privilégios masculinos e deméritos femininos. O conhecimento sobre a configuração do Estado e seus líderes é relevante porque “estamos falando da história da organização social e da instituição que representa (em teoria) os interesses da sociedade, e que qualquer que seja sua marca sempre afeta a sua totalidade” (LUNA, 1994, p. 29). Sendo maioria em espaços de poder, tais como no

---

<sup>13</sup> Deputado Jair Bolsonaro discute com jornalista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4wjhh33uqsy>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

<sup>14</sup> Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso,70001900653>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

<sup>15</sup> A investidores financeiros, Bolsonaro diz: ‘não entendo nada de economia’. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/a-investidores-financeiros-bolsonaro-diz-nao-entendo-nada-de-economia-22375242>>. Acesso em: 1 mar. 2018.



ambiente corporativo/trabalhista, além de serem maioria também no ambiente judiciário, o poder de decisão ainda é em sua maioria do masculino.

Apesar de uma igualdade entre os gêneros formalizada pela legislação, a realidade cotidiana é que uma relação igualitária entre homens e mulheres ainda está longe de se concretizar, pois a construção de sentidos disseminada na mídia é ainda de que a mulher é incompetente na esfera política, seja por “posições radicais” ou por “falta de clareza”, seja por “descontrole emocional”, enquanto que o homem é encarado como ocupante natural nesse espaço, ainda que apresente um comportamento agressivo e preconceituoso.

Ao sustentar a ideia de que a política é um espaço onde não cabe a agência da mulher, de que a mídia hegemônica não reconhece a legitimidade da atuação da mulher como sujeito social, ainda temos diante de nós um quadro de 'feminicídio'. Ou seja, não havendo uma mudança na estrutura patriarcal em que vivemos e, sobretudo, na maneira como ocorre a divisão sexual do trabalho com a conivência do Estado, de nada adiantaria igualar quantitativamente a proporção entre homens e mulheres em espaços de poder. “Pateman (1989; 1993) argumenta que enquanto as estruturas patriarcais não forem o alvo das mudanças propostas, o contexto de [sub-representação] feminina não irá mudar e o patriarcalismo continuará sendo reproduzido de forma mascarada” (MOTA; MAIA, 2014, p. 19).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John L. **Quando Dizer é Fazer**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AS CONTRADIÇÕES de Marina. **IstoÉ**. Edição 2335. 27 ago. 2014. Disponível em: <[https://istoe.com.br/edicao/809\\_AS+CONTRADICOES+DE+MARINA/](https://istoe.com.br/edicao/809_AS+CONTRADICOES+DE+MARINA/)>. Acesso em: 01 mar. 2018.

AS EXPLOSÕES nervosas da presidente. **IstoÉ**. Edição 2417. 6 abr. 2016. Disponível em: <[https://istoe.com.br/edicao/894\\_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/](https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/)>. Acesso em: 23 ago. 2017.



BRAIT, Beth. "Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica". In **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Méditations Pascaliennes**. Paris: Seuil, 1994.

\_\_\_\_\_. **Homo Academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

DAYRELL, Juarez. "O jovem como sujeito social". In **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004)>.

Acesso em: 20 maio 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

GADEA, Carlos A.; SCHERER-WARREN, Ilse. "A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos". In **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 25, p. 39-45, nov. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782005000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782005000200005)>.

Acesso em: 18 maio 2017.

GOHN, Maria da Gloria. "Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina". In **Cad. CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792008000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300003)>.

Acesso em: 17 maio 2017.

LUNA, Lola G. "Estado y participación política de mujeres en América Latina: una relación desigual y una propuesta de análisis histórico". In LEÓN, Mavila. (Org.). **Mujeres y Participación Política: avances y desafíos en América Latina**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1994.

MARTINS FERREIRA, Dina Maria. Do semelhante ao mesmo, do diferente ao semelhante: sujeito, ator, agente e protagonismo na linguagem. In **Rev. Brasil. Linguíst. Apl.**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 619-640, dez. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982017000400619&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982017000400619&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 5 mar. 2018.

---



\_\_\_\_\_. **Discurso Feminino e Identidade Social**. 2. ed. São Paulo: Fapesp, 2009.

MOTA, Fernanda F. MAIA, Juliana L. **Mulheres e Política**: continuidades e reproduções que contribuem para a manutenção de uma posição subordinada. In **Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades**, 2., 2014, Brasília. Disponível em: <[http://www.sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=4123](http://www.sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=4123)>. Acesso em: 15 jul. 2017.

PERIGO: ele pode ser presidente. **IstoÉ**. Edição 2501. 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/edicao/2501/>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

SOBRAL, Adail U. \_\_\_\_\_. "Ato/atividade e evento". In BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-24.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOURAINÉ, M. **Critique de la Modernité**. Paris: Fayard, 1992.

AULETE CALDAS. Dicionário Digital. [online] Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/viril%C3%A0ncia>>. Acesso em: 5 mar. 2018.



---

<sup>i</sup> Dina Maria Martins Ferreira é pesquisadora e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e pesquisadora do Centre d' Études sur les Actuel et le Quoditien, Paris V, Sorbonne; pós-doutoramento em Ciências Sociais pela Université Paris V, Sorbonne, e em Estudos da Linguagem, pela UNICAMP (2009-2010); pós-doutoramento em Pragmática pela UNICAMP (2002-2003); doutorado pela UFRJ em Linguística (1995); mestrado pela PUC-RJ em Análise do Discurso (1988). Autora de quatro livros; organização de cinco livros; capítulos nacionais e internacionais.

<sup>ii</sup> Sara Gemima Colares Garcia é pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, já com qualificação aprovada.